

ELEMENTOS NARRATIVOS EM SÁTIRAS HORACIANAS

Arlete José Mota
UFRJ

O homem é o único animal que ri. Ri de quê? Para quê? Ri de si mesmo ou de sua projeção nos irracionais. O riso pode representar um importante meio de expansão e/ou libertação de sentimentos variados – um sorriso simplesmente esboçado ou uma estrondosa gargalhada predispõe o espírito a mudar. Padrões de comportamento são criados desde as mais remotas épocas. Os desvios devem ser evitados, pois poderão trazer conseqüências funestas: isolamento, banimento, morte. Há, entretanto, uma punição mais severa: a ridicularização. Cabe ao observador não sucumbir; rir, reconhecendo sempre que não deve agir segundo o “modelo” apresentado.

E a sátira, denunciando os vícios e vicissitudes do comportamento humano, surge, ao exagerar muitas vezes certos caracteres, como um meio de expor atitudes inaceitáveis.

Atualmente, considera-se sátira uma atitude de espírito ou uma modalidade literária que pode ser encontrada em quase todos os gêneros. Em Roma, representava um gênero poético formalmente definido; o metro utilizado era o hexâmetro dactílico.

A sátira está profundamente associada ao gênero lírico, uma vez que ao lançar o olhar em direção ao seu semelhante e à sociedade, o poeta deixa entrever a sua concepção de mundo, os seus valores morais. Prende-se igualmente à poesia didática, quando, através da amostragem de caracteres execráveis, busca, por contraste, levar o leitor a reprovar e, por conseguinte, não seguir tal comportamento. E aproxima-se do dramático, nos diálogos e na valorização da ação.

A sátira pode apresentar dois caminhos: o do ataque pessoal onde o poeta se dirige a determinado(s) indivíduo(s) e o da crítica mais generalizada, passando a observar os tipos humanos e o político social.

Etimologicamente, o vocábulo sátira deriva do composto **lanx satura**, oferenda dedicada a Ceres, que consistia em um prato repleto de frutos variados. O substantivo **satira** origina-se de **satur**, saciado, farto.

Em relação ao tipo de composição poética, a palavra **satira** é empregada metaforicamente mantendo a idéia básica de mistura de frutos diversos. A **satira** latina, gênero precursor da sátira, consistia em um conjunto de composições marcadas por extrema versatilidade de tom e de forma. O gênero possivelmente tem sua origem relacionada a elementos extraídos da Comédia Antiga ou às diatribes, **sermones** em latim, que serviam para divulgar idéias filosóficas e morais através do diálogo.

A sátira menipéia também influenciou na criação do gênero satírico em Roma. Foi possivelmente criada por Menipo de Gadara, no século II a C., e tem como característica fundamental a mistura de prosa e verso. Na literatura latina citam-se como exemplo Petrônio com o *Satiricon* e Sêneca com o *Apocolocyntosis*.

Roma é o berço do gênero satírico. Convém ressaltar a afirmação de Quintiliano **satira quidem tota nostra est** (*Inst. Or.* X, I, 93): “a sátira é toda nossa”.

Lucílio é considerado o criador da sátira. Horácio e Juvenal representam as duas grandes vertentes do gênero na literatura latina.

A sátira horaciana conserva a característica fundamental da **satira**: a variedade temática. Seus temas abrangem desde aspectos morais até reflexões literárias. Do ataque pessoal chega à fábula, à anedota. Em uma mesma sátira fundem-se elementos diversos.

Horácio legou aos leitores belas reflexões, como, por exemplo: **carpe diem** (*Od.* I, 11, 8), **aurea mediocritas** (*Od.* II, 10), **est modus in rebus** (*Sat.* I, 1, 106). Soube selecionar conceitos e pressupostos de diferentes doutrinas –do epicurismo, do estoicismo, da filosofia peripatética – de acordo com a sua maneira de ver o homem de seu tempo.

Em suas sátiras, reconhecidas pela mestria com que uniu a perfeição formal à reflexão e ao riso, o poeta pode estar ou não escandalizado com os vícios e vicissitudes humanos, mas é certo que incita seus leitores a uma condenação de determinados comportamentos. A sátira horaciana não deixa de cumprir uma das funções primordiais do gênero: a busca de uma elevação moral dos seres. Apesar de não procurar convencer seus leitores de verdades inquestionáveis, o poeta os leva a refletir sobre a aceitabilidade de determinadas atitudes em sociedade. Parodiando Machado de Assis quando se refere à “ponta da orelha de um drama” (em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, cap. III), dir-se-ia que o riso irônico presente nas sátiras horacianas mostram a ponta da orelha de uma comédia humana.

As *Saturae*, chamadas pelo poeta de *Sermones*, estão divididas em dois livros: o primeiro publicado em 35 a. C. e o segundo em 30 a. C. e representam um enorme progresso do gênero na literatura latina.

Horácio inova, sem perder o equilíbrio. O poeta apresenta um rico painel de costumes, entrecortado de elementos autobiográficos. Os temas são variados: reflexões sobre a eterna insatisfação humana; tipos são delineados, como os orgulhosos e os falsos epicuristas. Além disso, dedica-se à crítica literária (sátiras I,4; I, 10 e II, 1).

A sátira de Horácio é polifônica. Em uma aproximação com o dramático, encontram-se muitos diálogos, que conferem plena vivacidade ao texto. Os personagens ganham vida. E por vezes o narrador, transmutado em personagem – como na sátira I, 9 - , participa.

Procurando fugir de abstrações teórica, Horácio busca exemplos, comparações, fábulas. Conta aventuras de viagem, encontros casuais na Via Sacra. Narra. E a incidência de elementos narrativos como narrador, localização espaço-temporal e personagem, possibilita uma série de interpretações segundo modernos recursos de análise textual.

Constituem-se significativos exemplos de inserção de elementos narrativos as sátiras 5, 7, 8 e 9 do primeiro livro.

Quanto aos temas abordados nas sátiras selecionadas, destacam-se, sucintamente:

Na sátira 5, o poeta narra a viagem a Brindes e suas aventuras pela Itália centro-meridional. Há situações inusitadas como, por exemplo, a correria dos escravos, as discussões, o incômodo provocado pelos mosquitos e rãs do pântano.

A sátira 7 traz a querela entre Pérsio e Rupílio, em atmosfera dir-se-ia épica.

A sátira das feiticeiras (9) é uma das mais divertidas do **corpus**. O narrador é Priapo – aqui um deus que, inconformado com o que via, põe em fuga as feiticeiras, utilizando um recurso pouco convencional.

A sátira 9 mostra o poeta caminhando pela Via Sacra e seguido por um importuno.

Quanto aos elementos narrativos, destacam-se:

Narrador

Sátira 5: Horácio é o personagem-narrador, como se observa na utilização do pronome **ego** (v. 4) e de formas verbais como **indico** (v. 8), **sentimus** (v.21) e **erepsemus** (v. 79).

Sátira 7: Horácio é o narrador.

Sátira 8: Priapo é o narrador - **Olim truncus eram ficulnus, inutile lignum** (v.1), “eu era outrora um tronco de figueira, madeira inútil”. Há um falso distanciamento do poeta.

Sátira 9: retorna a figura do narrador-personagem.

Os personagens

Há os personagens reais, históricos, como Mecenas e Virgílio, e os personagens tipo como o importuno.

Sátira 5: além de Mecenas (v. 27) e Virgílio (v. 40), o poeta cita Heliodoro (v. 2) e Cócio (v. 28).

Sátira 7: Rex e Pérsio surgem de um tempo não determinado.

Sátira 8: Priapo e as feiticeiras.

Sátira 9: Horácio e o importuno.

A localização espaço-temporal

As quatro sátiras diferem entre si quanto ao tom e, principalmente quanto aos objetivos do poeta. Dando espaço à simples anedota ou à profunda indignação, reconhece-se um especial cuidado com a localização dos ambientes. Muito mais do que um quando, nota-se um onde.

Há uma noção temporal interna. Os dados que poderiam ser considerados históricos são raros – exceto na quinta sátira.

Sátira 7: passado próximo ou distante, mas o fato é conhecido.

Sátira 8: os verbos **eram** (v.1) e **uidi** (v.23) mostram um distanciamento temporal necessário. O passado é representado pela utilização do local como cemitério e o presente se caracteriza pela construção dos novos jardins – há uma alusão aos ideais de Augusto.

Sátira 9: há um passado não muito distante; há também referências ao Círculo de Mecenas.

Se as marcas temporais são sutis e se o desenrolar da ação se mantém num tempo narrativo interno, o mesmo não ocorre com a localização espacial. Nota-se uma preocupação em delimitar o espaço geográfico em que acontecem os fatos. É a noção do onde ocorreu o fato, ultrapassando a idéia do quando. O leitor pode reconhecer o local e vivenciá-lo, na imaginação: pode percorrer caminhos. Tais aproximações tornam os fatos possíveis. Movimentam-se os personagens de uma cidade para outra; dialogam na **Vrbs**.

Sátira 5: as cidades são enumeradas exaustivamente. Em alguns momentos, há comentários pitorescos sobre o clima e a gastronomia.

Sátira 7: a preocupação maior do poeta nesta sátira é com os personagens – quem. Há poucas alusões espaciais: Clazômenas, onde Pérsio possuía negócios (v. 4 e 5) e Ásia, onde se dá a querela (v. 18 e 19).

Sátira 9: destacam-se as movimentadas ruas da capital do mundo - **Ibam forte uia Sacra** (v.1), “caminhava casualmente pela Via Sacra”; **trans Tiberim longe cubat is prope Caesaris** (v. 18), “está de cama para além do Tibre, próximo aos jardins de César”; **Ventum erat ad Vestae** (v.35), “tinha-se chegado ao templo de Vesta”. Convém acrescentar que o distanciamento espacial ou temporal é um recurso bastante usual na literatura de várias nacionalidades e de diferentes épocas, como por exemplo, recordem-se: o conto *Micromegas* de Voltaire, no século XVIII, onde um extraterrestre faz comentários sobre a vida na Terra - um planeta minúsculo, levando-se em conta a estrutura fisiológica do personagem; as *Cartas chilenas*, de Tomás Antônio Gonzaga – o personagem Critilo narra a Doroteu fatos que se relacionam ao governador do Chile; e o país imaginário de Max Nunes, um expoente do humorismo brasileiro contemporâneo, a Momolândia. Compreende-se o distanciamento. O fato ocorreu num tempo distante; *lá*, em outro país, em outro planeta –o recurso literário pode livrar o autor de situações constrangedoras.

Finalmente, um dos aspectos que mais surpreende o leitor moderno é a mobilidade que as sátiras horácianas apresentam em relação à classificação de elementos caracterizadores dos gêneros literários. Há liames com o gênero narrativo; há ação e movimento constante, que as aproximam do dramático; e a presença indiscutível de um eu tangencia o lírico. Narrando fatos distantes no tempo ou no espaço, rindo talvez de atitudes que estão em desacordo com o que o poeta considera correto e justo para uma vida tranqüila, há sempre um eu em busca de equilíbrio e coerência.